

O CORAÇÃO NAS SOMBRAS: MONUMENTO A UMA VIDA (OU A PERMANÊNCIA DO HORROR)

Por amilton de azevedo¹

Em 1961, o fotógrafo Luiz Alfredo, do jornal O Cruzeiro, registrou a dura realidade do Hospital Colônia de Barbacena (MG); suas imagens ilustraram a reportagem *A Sucursal do Inferno*². O horror ali verificado nas condições sub-humanas de pacientes internados não evitou que as duas décadas seguintes concentrassem o maior número de mortes ocorridas no (então) maior manicômio do Brasil.

A história do Colônia foi contada por Daniela Arbex em uma série de reportagens que vieram a se tornar o livro *Holocausto Brasileiro* (2013). Eliane Brum, no prefácio da obra, contextualiza os ocorridos de forma sintética e justifica a utilização da palavra “holocausto” pela autora (os grifos são nossos):

*As palavras sofrem com a banalização. Quando abusadas pelo nosso des pudor, são roubadas de sentido. Holocausto é uma palavra assim. Em geral, soa como exagero quando aplicada a algo além do assassinato em massa dos judeus pelos nazistas na Segunda Guerra. Neste livro, porém, seu uso é preciso. Terrivelmente preciso. **Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força.** Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. **Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental.** Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças.*

¹ amilton de azevedo é crítico e professor de teatro. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, desenvolvendo pesquisa em torno da crítica teatral contemporânea no Brasil. É mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Criou a plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>) em 2017, onde publica regularmente textos sobre teatro. É membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro).

² Algumas das fotografias de Luiz Alfredo podem ser vistas dentro do projeto Testemunha Ocular, do Instituto Moreira Salles (IMS) em <<https://testemunhaocular.ims.com.br/2022/05/21/luis-alfredo/>>.

Além do livro de Arbex, materiais como o documentário de mesmo nome³ e outro, *Em Nome da Razão* (1979), dirigido por Helvécio Ratton⁴, são fontes importantes para a pesquisa e a memória em torno de uma terrível realidade. Também, Guimarães Rosa escreveu em *Sorôco, sua mãe, sua filha* (1962) sobre o trem que “ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre”. Realidade e ficção se juntam em *O Coração nas Sombras*, obra que celebra os trinta anos da Cia. Teatro da Cidade, de São José dos Campos.

O espetáculo com dramaturgia de Luís Alberto de Abreu e direção de Kiko Marques parte da materialidade dos acontecimentos em perspectiva simultaneamente social e familiar, preenchendo lacunas com hipóteses, tentativas, possibilidades, desejos: nas linhas de ação emaranhadas pela narrativa, o teatro torna-se veículo para erigir um monumento a uma vida enquanto denuncia horrores e suas permanências.

O Coração nas Sombras conta a história de Letícia Poletti (1908 – 1939), “uma simples dona de casa da década de 30, mãe de três meninas, filha de imigrantes italianos, explorada pelo marido e internada como louca pelo irmão mais velho”⁵ no Hospital Colônia. Para além de uma vítima do Holocausto Brasileiro, Poletti foi também tia-avó de Andreia Barros, atriz do Teatro da Cidade.

A informação se faz presente na dramaturgia, e é nítido para Barros a força que a obra tem para ela. Ao mesmo tempo, conforme contado no bate-papo que sucedeu a apresentação no 37º Festival, quem conduziu o processo de pesquisa documental foi o dramaturgo. Mesmo em companhia da atriz, foi Abreu quem entrevistou uma de suas primas, por exemplo. Isso traz uma particularidade no trato do material, onde o performativo que irrompe da implicação de uma narradora na narrativa é apenas um traço curto na dimensão épica do trabalho.

A encenação faz de si construção de um teatro sendo feito a todo momento. No espaço, a plateia segue sempre iluminada, convocada a se manter participante diante de um palco quase nu: um telão e um banco; uma coxia atrás dele por onde atores-narradores entram e saem de personagens evocadas pelas necessidades do contar. São cenas que se compõem com recursos simples, utilizando poucos adereços,

³ *Holocausto Brasileiro* (2016), com direção de Armando Mendz e Daniela Arbex.

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cvjyjwl4G9c>>

⁵ Trecho da sinopse do espetáculo.

buscando ações dinâmicas nas relações entre narradores e personagens, confiando na força da palavra e no impacto das imagens projetadas no telão.

A costura entre a narrativa singular, individual de Poletti, e a coletiva, da barbárie institucional, é um achado de *O Coração nas Sombras: o cogito ergo sum* cartesiano, “penso, logo existo” (ou “penso, portanto sou”), é trazido a partir da primazia colonialista que persiste enquanto subtexto nas consequências do postulado fundante do pensamento moderno, da centralidade da razão que hierarquiza a humanidade entre sujeito (europeu) e subalterno.

Uma perspectiva da diferença atrelada à racionalidade como valor organizador implica na constituição de lógicas normativas e, inevitavelmente, dissidências. Não apenas o problema da *loucura* enquanto conceito a ser definido a partir de uma pretensa normalidade emerge desta questão, mas a própria ideia de quem efetivamente *pode existir* nestes termos.

Não por acaso, a superlotação do Hospital Colônia estava associada ao desejo de parcelas da sociedade de se ver livre de *marginais* – ou seja, pessoas que vivem às margens do contorno social do período; desde homossexuais até mulheres que haviam perdido a virgindade antes do casamento e tudo mais que se pode imaginar que famílias e autoridades gostariam de eliminar do convívio para sempre.

Do mesmo modo, grande parte das vítimas do Holocausto Brasileiro eram negras, pobres e periféricas. É assombroso observar que, independentemente das circunstâncias por trás das grandes tragédias da história brasileira, são constantemente estes os que continuamente sofrem.

A dramaturgia de *O Coração nas Sombras* reitera essa percepção factual, além de trazer em diversos momentos a aproximação dos tempos, dos horrores e suas permanências – em especial, tomando como central a história de Poletti, a questão da mulher.

Internada à força por se tornar um “*estorvo*” para a família, vista como prostituta por suas “*atitudes rebeldes*”, encontra na obra a possibilidade de ter sua existência *dissidente* celebrada ao mesmo tempo em que o Teatro da Cidade prescruta porções da história brasileira. E como afirma Arbex nas últimas palavras de seu livro, “Enquanto o silêncio acobertar a indiferença, a sociedade continuará avançando em

direção ao passado de barbárie. É tempo de escrever uma nova história e de mudar o final”.

Neste caminho entre séculos, da trajetória pregressa de uma mulher até seu encontro com um destino comum a milhares de outras vítimas, *O Coração nas Sombras* liga seus pontos com depoimentos que localizam acontecimentos reais ao mesmo tempo em que questiona o que se passou.

Na figura de um enfermeiro, por exemplo, emerge a problemática da *banalidade do mal* enquanto permanece enquanto dúvida quem é o responsável, quem representa o Estado naquela situação, qual a agência das pessoas diretamente envolvidas; enfim, permite-se reverberar a complexidade da barbárie.

Também se inventa o que não sabe: o Teatro da Cidade preenche de ficção passagens da vida de Poletti, compartilhando com o público a todo momento o enquadramento dos fatos e das criações. A convenção de cada cena é localizada a partir de modulações na dramaturgia – na utilização de termos como “talvez”, “pode ser que”, “não sabemos”, etc. – e elas seguem na demonstração tanto de hipóteses que ocupam os lapsos da memória e dos documentos, quanto de saltos que se lançam como desejos de outros começos, meios e, em especial, fins.

“Nenhuma vida é vã”, afirma a dramaturgia de *O Coração nas Sombras*. Resgatar a história de Letícia Poletti e trazer à tona, mais uma vez, o Holocausto Brasileiro, é lembrar e homenagear cada uma de suas sessenta mil vítimas; cada uma delas com nome e passado próprios, repletas de sonhos interrompidos de futuros.